



Tradição e modernidade: o antes e o depois em Simmel e Giddens

Andrea Ana do Nascimento

Doutora em Sociologia pela UFRJ

Resumo: O objetivo deste artigo é fazer uma análise sucinta dos processos que possibilitaram a passagem da sociedade tradicional para a sociedade moderna utilizando as teses desenvolvidas por Simmel e Giddens. Ambos os autores, cada qual em um momento, retrataram de forma clara e original essas mudanças. A vida moderna tem relação direta com os processos de individualização que também serão abordados neste artigo, mas apenas com umas breves considerações. A temática Sociedade Tradicional X Sociedade Moderna é muito extensa e por isso, não pretendemos dar conta dos diversos autores e nem de todos os aspectos que envolvem o tema, mas sim remexer a teoria e comparar dois autores que, cada qual a sua época, observou com atenção as mudanças ocorridas na passagem da sociedade tradicional para a sociedade moderna.

Palavras - Chave: sociedade, tradição, modernidade e individualização.

Abstract: The objective of this article is to make an small analysis of the processes that make possible the change of the traditional society for the modern society using the theory developed for Simmel and Giddens. Both the authors, each one at a moment, had portraied of clear and original form these changes. The modern life has direct relation with the processes of individualization that also will be boarded in this article, but only with brief considerations. Thematic Traditional Society X Modern Society is very extensive and therefore, we do not intend to give to account of the diverse authors and nor of all the aspects that involve the subject, but yes to rummage the theory and to compare two authors who, each one its time, observed with attention the occurred changes in the ticket of the traditional society for the modern society.

Keywords: society, tradition, modernity and individualization.

Apresentação

Os estudos das sociedades tradicionais e das sociedades modernas são temas centrais para a Sociologia. Neste trabalho serão contrapostas e analisadas as teorias de dois autores que escreveram, em épocas distintas, sobre a tradição e a modernidade. Simmel, que vivenciou essa passagem durante seu desenvolvimento, e Giddens, que escreve sobre os efeitos da radicalização da modernidade nos dias atuais. Cada um à sua maneira e à sua época levanta uma discussão muito instigante sobre tradição e modernidade.



A proposta deste artigo é identificar as teses centrais desses autores sobre tradição e modernidade e compará-las apontando suas contraposições e aproximações, indicando as principais questões que envolvem uma amostra da obra desses autores. Esses autores foram escolhidos, dentre outros fatores, pela exposição e preocupação clara que demonstram com o tema proposto pelo trabalho.

Para empreender tal tarefa, foram selecionados alguns elementos básicos do escopo teórico desses autores, que servem para evidenciar a visão que cada qual tem sobre a temática deste artigo. Dentre eles, serão abordados de forma breve os processos de individualização na perspectiva de cada um dos autores, uma vez que esses processos são fundamentais para esclarecer a passagem da sociedade tradicional para a sociedade moderna.

Tradição e Modernidade

Para introduzir sua discussão sobre modernidade, Simmel (1998) se debruça sobre as relações sociais na Idade Média. Neste período, o homem encontrava-se encadeado numa relação com uma comunidade, com uma propriedade feudal, com uma associação ou com uma corporação, e a sua personalidade era incorporada nos círculos de interesses práticos ou sociais. Esses círculos eram formados pelas pessoas que deles participavam de forma direta e imediata. A modernidade modificou o caráter das formas de sociabilidade entre os homens, introduzindo alguns elementos novos que foram autonomizando a personalidade do homem, dando a este uma liberdade que ele nunca havia experimentado.

Os elementos principais que contribuíram para essa autonomia, ou em outras palavras, para o desenvolvimento da individualização, foram o dinheiro, o crescimento das metrópoles e a divisão do trabalho. Neste artigo, irei me deter mais diretamente nas mudanças empreendidas com a entrada do dinheiro como meio de contato entre as pessoas, mas também irei abordar, de forma mais sucinta, os outros aspectos que influenciaram essa mudança.



A abordagem que Giddens (1991) faz dessa passagem de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna também indica que o dinheiro foi um dos fatores que influenciaram na movimentação de uma sociedade tradicional para uma sociedade moderna. Todavia, ele não confere ao dinheiro o mesmo peso que Simmel, como veremos mais adiante, que o enxerga como um elemento modificador das relações sociais na modernidade.

A perspectiva de Giddens é multidimensional e, como um observador atual da modernidade, ele teve o privilégio de assistir às mudanças que a circulação monetária assumiu na modernidade. Para ele, o dinheiro hoje é independente dos meios pelos quais é representado, podendo ser caracterizado como pura informação armazenada como números numa mídia digital.

Isso não significa que a discussão de Simmel se oriente apenas pelas modificações trazidas pelo dinheiro, mas este é, sem dúvida, um dos elementos que este autor mais desenvolve. Segundo Simmel, o dinheiro desfez a conexão objetiva que havia entre personalidade e pessoas. Não era mais necessário que a pessoa estivesse diretamente vinculada ao que ela produz, uma vez que a sua produção podia ser agora trocada por dinheiro e este, por sua vez, por aquilo que a pessoa desejasse consumir, sem que para isso houvesse alguma relação direta entre produtor e produto, como acontecia na economia natural. Na modernidade, os produtos podem circular livremente sem que quem os adquira sequer conheça quem os produziu. A troca não era mais mediada por pessoas, mas pelo dinheiro através da economia monetária.

Ela diferenciou, com isso, a relação anteriormente tão íntima entre elementos pessoais e locais, de tal modo que posso receber, hoje em dia, em Berlim, as minhas encomendas de trens americanos, de hipotecas norueguesas e de minas de ouro africanas. Aceitamos essa forma de posse, eficaz à distância, como se fosse uma trivialidade. Mas ela só se tornou possível desde que o dinheiro se impôs entre posse e proprietário, separando-os e ligando-os (SIMMEL, 1998, p.24).



O dinheiro não interferiu somente nas relações de troca, mas também em outros aspectos da vida social. Um deles é a forma como as pessoas passaram a se associar. A corporação medieval era uma forma de associação que integrava o homem por inteiro. Ele tinha que participar do grupo pessoalmente abrangendo diversos aspectos de sua vida, como a política e a religião. As pessoas se envolviam diretamente com as corporações dedicando seu tempo, sua presença e sua personalidade, pois tinham nelas um suporte de sua vida social. A corporação/associação medieval existia diretamente nos seus membros, que eram absorvidos por ela. Com a entrada do dinheiro essas relações se modificaram.

Os homens agora podiam se associar por interesses monetários sem que isso exigisse deles um envolvimento direto com a associação. Era possível mesmo que grupos com pensamentos distintos se filiassem a uma mesma associação em prol de um interesse em comum. Simmel menciona o exemplo da associação de ajuda às comunidades protestantes pobres. Protestantes de distintas filiações confessionais se filiavam a uma mesma associação, mas mantinham o distanciamento entre si, estando unidos apenas pelos laços de seus interesses monetários. Dessa forma, três ramos principais da Igreja Protestante Alemã se uniram não pela fé, pois esta não possibilitou entre eles os laços de companheirismo, mas pelo dinheiro, que permitiu que se comunicassem sem que ninguém tivesse que deixar de lado suas convicções religiosas ou pessoais.

Assim, o dinheiro contribuiu para a geração de uma comunidade ativa de indivíduos que se mantêm distantes em outros aspectos. Ele tornou possível que essas pessoas se unissem sem nada perder de sua personalidade.

Todavia, o dinheiro não era, ao menos naquela época e de uma maneira geral, algo para ser consumido por si só. Ele deveria ser trocado por aquilo que se queria consumir. É nesse aspecto que ele ligava um homem ao outro. Em outras palavras, o dinheiro era o elo que permitia a um homem adquirir o que outro vendia, ampliando as redes de relações dos dois lados. Não era mais necessário conhecer quem produzia determinado item para poder trocá-lo pelo



seu produto. Era necessário agora conhecer fornecedores daquilo que se desejava adquirir e isso podia acontecer de forma bem dinâmica e artificial. Nesse ponto temos outro aspecto da vida moderna – a divisão do trabalho. Nas sociedades tradicionais, como já foi ressaltado por diversos teóricos das ciências sociais e de outras disciplinas, como a economia, cada qual produzia aquilo que precisava e trocava o excedente por outros artigos que lhe interessassem.

Aos poucos as pessoas foram se especializando na produção de determinados itens, e com a entrada do dinheiro viram a possibilidade de vender sua produção para depois adquirir, com esse mesmo dinheiro, o que desejavam. A troca de produtos/objetos foi substituída pela compra e venda.

Assim sendo, cada um passou a trabalhar pelo outro. Muitas vezes, o trabalhador menos especializado, um agricultor, por exemplo, pode obter com a venda de sua produção o dinheiro suficiente para adquirir um produto feito por um trabalhador muito especializado, como um sabonete cuja fórmula foi desenvolvida por um químico. Nem um nem outro precisam se conhecer, ou entender o trabalho que cada um realiza para que a negociação se concretize. O químico realiza o trabalho de produção que o agricultor não é capaz de fazer e vice-versa. Ambos podem estar encadeados sem ter necessariamente contato direto. Se antes para pagar uma dívida o homem tinha que prestar um serviço com seu trabalho físico, agora ele pode pagar em dinheiro.

Em outras palavras, segundo Simmel, o desempenho pessoal foi substituído pelo pagamento em dinheiro, libertando a sua personalidade. Ou seja, o indivíduo também foi liberado da cadeia de obrigação do trabalho, pois a partir de então só poderia se reivindicar do indivíduo o resultado impessoal de sua atividade, o dinheiro – em outras palavras, o valor objetivo do seu trabalho.

Mas essa liberdade que o indivíduo adquire tem como consequência a redução dos objetos a um mero valor quantitativo, que é expresso em valor monetário. Esse valor, em geral, não apreende as características subjetivas do



objeto. Passamos a calcular o valor de tudo em dinheiro, tornando-o um redutor vulgar dos valores dos objetos.

O dinheiro é vulgar porque é o equivalente para tudo e para todos; somente o individual é nobre; o que corresponde a muitas coisas corresponde ao mais baixo entre elas e reduz, por isso, também o mais alto para o nível do mais baixo. (SIMMEL, 1998, p.31).

É nesse aspecto que reside, para Simmel, a tragédia da modernidade. Quanto mais a técnica se torna mais rica e objetivada, mais o indivíduo se torna pobre e menos cultivado. O dinheiro torna-se assim um meio de comunicação circulante, e pouco a pouco, um objetivo em si mesmo. O homem moderno passa a ter no ganho do dinheiro um dos principais alvos a serem perseguidos como um fator de felicidade. Se antes o dinheiro era apenas um meio circulante, de acordo com Simmel, ele se torna agora o objetivo final, e quando esse alvo é atingido muitas vezes, no lugar da felicidade o que se consegue é uma série de aborrecimentos e frustrações. Um exemplo dado pelo autor é o do homem de negócios que passou a vida juntando dinheiro para se aposentar e, ao conseguir, vê esvaziados os seus objetivos, pois o dinheiro mostra sua verdadeira face de puro meio, se tornando inútil e insatisfatório logo que a vida depende exclusivamente dele.

Não é à toa, como retrata Simmel, que o dinheiro é visto como o Deus da sociedade moderna. Para muitos, traz uma sensação de segurança ao dar a convicção de que através dele o indivíduo se tornará capaz de possuir o centro dos valores dos objetos.

O dinheiro também interfere na racionalidade moderna. Como o homem passa a calcular o valor dos objetos através de equivalente monetário, transformando o valor qualitativo em valor quantitativo, ele passa a operar com essa mesma lógica em outros aspectos da vida social. O homem vai perdendo o seu caráter emocional e impulsivo substituindo-o por um caráter mais racional e calculador. Aquilo que não pode ser incluído no intercâmbio monetário vai perdendo o seu lugar, pois as relações sociais que eram fixadas pelas



tradições vão se tornando fluidas e são substituídas por outras formas de relação.

“O dinheiro se refere unicamente ao que é comum a tudo: ele pergunta pelo valor de troca, reduz toda qualidade e individualidade à questão: quanto? Todas as relações emocionais íntimas entre pessoas são fundadas em sua individualidade, ao passo que nas relações racionais, trabalha-se com o homem como um número, como um elemento que é em si mesmo indiferente” (SIMMEL, 1979, p.15).

Nesse aspecto, cremos que a análise de Giddens tem muito a acrescentar a discussão de Simmel. Um dos primeiros elementos que Giddens invoca para introduzir sua explicação é a desconexão que ocorreu entre tempo e espaço. Nas sociedades tradicionais o tempo e o espaço andavam sempre entrelaçados. Na sociedade moderna esse entrelaçamento se desfaz, permitindo que esta ganhe mais dinamismo. “Este [desencaixe] retira a atividade social dos contextos localizados, reorganizando as relações sociais através de grandes distâncias tempo-espaciais” (1991, p. 58).

A modernidade pode-se dizer, rompe o referencial protetor da pequena comunidade e da tradição, substituindo-as por organizações muito maiores e impessoais. O indivíduo se sente privado e só num mundo em que lhe falta o apoio psicológico e o sentido de segurança oferecidos em ambientes mais tradicionais. (GIDDENS, 2002, p. 38).

Desta forma, Giddens assinala que há um desencaixe entre tempo e espaço que é promovido por dois mecanismos fundamentais: as fichas simbólicas e os sistemas peritos. Ambos fazem parte do que o autor chama de sistemas abstratos. Giddens dá a seguinte definição para o primeiro elemento dos sistemas abstratos – as fichas simbólicas. “Por fichas simbólicas quero significar meios de intercâmbio que podem ser ‘circulados’ sem ter em vista as características específicas dos indivíduos ou grupos que lidam com eles em qualquer conjuntura particular” (1991:30).

O dinheiro é um exemplo de ficha simbólica, e nesse aspecto Giddens adota a mesma perspectiva de Simmel. Para ele, o dinheiro possibilita a realização de transações entre agentes separados no tempo e no espaço,



assume formas distintas e pode circular como moedas e notas, e também como simples informação. Desta forma, o dinheiro é um mecanismo de desencaixe entre tempo e espaço, pois como o próprio Simmel já havia sinalizado, possibilita a relação de troca sem que haja necessariamente pessoalidade nesses contatos.

O dinheiro pode-se dizer, é um meio de retardar o tempo e assim separar as transações de um local particular de troca. [...] É um meio de distanciamento tempo-espaço. O dinheiro possibilita a realização de transações entre agentes amplamente separados no tempo e no espaço. [...] Ele é fundamental para o desencaixe da atividade econômica moderna (GIDDENS, 1991, pp. 32-33).

Na modernidade estamos vinculados a sistemas abstratos que interferem no nosso cotidiano sem que nós tenhamos um conhecimento profundo de seu funcionamento. E entre eles encontram-se os sistemas peritos. Acessamos os terminais de banco sem ter menor ideia de como eles funcionam. Confiamos, por exemplo, nos veículos que utilizamos para nos deslocar e em sistemas de controle de trânsito sem sequer imaginar o tipo de engenharia que envolve a criação e o funcionamento dessas ferramentas. Nessas e em outras situações confiamos em peritos ou especialistas que detêm esse tipo de conhecimento. Esses sistemas são definidos por Giddens da seguinte forma: “Por sistemas peritos quero me referir a sistemas de excelência técnica ou competência profissional que organizam grandes áreas dos ambientes material e social em que vivemos hoje” (1991, p.35).

É claro que desempenhamos várias atividades do nosso dia a dia sem ter que consultar especialistas a todo o momento. Todavia, esses sistemas peritos estão presentes no nosso cotidiano mesmo que nós não nos demos conta disso. Nas sociedades tradicionais, esse papel era desempenhado pelos guardiães, como será apresentado mais adiante. O que é importante ressaltar aqui é que os sistemas peritos “criam grandes áreas de segurança relativa para a continuidade da vida cotidiana” (GIDDENS, 2002: 126). Por outro lado, os sistemas peritos atuam como mecanismos de desencaixe – porque removem



as relações sociais das imediações do contexto. Dito de outra maneira, nem sempre é necessário conhecer um perito ou um especialista para “desfrutar” do conhecimento ou informação que ele possui.

Mas há ainda um outro fator que modificou a relação do homem com o mundo na sociedade moderna – a reflexividade. Por estar colocada num mundo muito mais acelerado, onde os fatores que antes forneciam segurança no ser e agir do homem (tais como tempo e espaço) se encontram ameaçados, a reflexividade aparece como um mecanismo do indivíduo moderno para entender e atuar nesse novo contexto.

Uma vez apontados alguns elementos que Giddens evidencia na transformação da sociedade tradicional em uma sociedade moderna podemos a partir de então identificar melhor a diferença entre elas e como se deu a passagem de uma para outra.

Para Giddens, a tradição aparece ligada à memória e possui uma força de união que combina conteúdo moral e emocional. A memória, sendo considerada como tradição, é uma forma de organizar o passado em relação ao presente. As tradições têm guardiães que mantêm a tradição através dos rituais, que são um meio prático de garantir a preservação das tradições. A tradição tem um conteúdo normativo e moral que indica para os indivíduos o que deve ser feito, vinculando passado e presente e dando estruturas estabilizadoras para as memórias.

A tradição, digamos assim, é a cola que une as ordens sociais pré-modernas [...] Em outras palavras, a tradição é uma orientação para o passado, de tal forma que o passado tem uma pesada influência ou, mais precisamente, é constituído para ter uma pesada influência sobre o presente (GIDDENS, 1996, p. 80).

É o ritual que traz a tradição para prática. E esse ritual, ou melhor, a tradição em si é perpetuada através de guardiães. A principal característica dos guardiães é o status, que se dá através da confiança que se deposita neles e da autoridade que eles possuem. Essa autoridade é dada pela sua sabedoria, pelo seu conhecimento dos rituais adquiridos após anos de aprendizado e desenvolvimento de suas habilidades.



As sociedades modernas já não se reproduzem mais com base nas tradições. Ao contrário, como tudo muda com muita velocidade, buscar na tradição e na memória passada a solução para um problema atual não traz muitos resultados. Os guardiães foram substituídos pelos especialistas. Especialista aqui é “qualquer indivíduo que pode utilizar com sucesso habilidades específicas ou tipos de conhecimento que o leigo não possui” (GIDDENS, 1996, p.105). Especialista e leigo se opõem em situações em que um possui habilidades ou informações que o outro não detém, tornando uma pessoa uma autoridade em relação a outra.

A especialização tem mobilidade e não está conectada a localidades como a tradição. Ela pode reforçar estruturas existentes ou desestabilizá-las. A especialização difere da tradição em diversos aspectos, pois é descentralizadora, já que ela não tem um local determinado. Ela não está vinculada a nenhuma verdade formular; ao contrário, se baseia no ceticismo. O acúmulo de conhecimento especializado envolve processos próprios de especialização. Não dá para se obter confiança num sistema especializado tendo como base conhecimentos místicos.

Nas sociedades pré-modernas era a tradição que orientava a vida social e informava ao indivíduo como agir no mundo. Nas sociedades pós-tradicionais, nós mesmos temos que decidir como ser e como agir. O indivíduo da sociedade moderna tem mais autonomia. Porém, essa autonomia, no lugar de trazer uma sensação de libertação, traz, muitas vezes, angústias. Os aspectos emocionais de cada um são os primeiros limites para, dentro de uma grande gama de opções, limitar suas escolhas. Outro aspecto é que, para dar conta de todas as suas atividades, as pessoas têm que desenvolver rotinas, e estas não são puramente opcionais, pois são necessárias para organização da vida cotidiana. Finalmente, as escolhas que direcionam para um determinado estilo de vida nem sempre estão ao alcance do indivíduo, pois existem fatores que limitam as opções individuais. Por exemplo, os fatores econômicos.

Algumas vezes, a remuneração da pessoa não é coerente com o grau de informação que ela possui ou com estilo de vida que ela gostaria de ter.



Existem limitações claras, que impedem que o indivíduo exerça toda a sua capacidade de escolha. Bourdieu (2008) trata dessa questão ao analisar as estratégias de distinção social na sociedade francesa.

Bourdieu observa que houve um incremento da escolaridade superior em camadas populares. Se as escolhas individuais se dessem de forma automática, essa população teria mais opções de emprego em postos mais qualificados e bem remunerados. Todavia, não é isso que ocorre. A escolarização não permite ao indivíduo escolher que posto ele ocupará profissionalmente se ele também não dispuser de outros capitais culturais e sociais que o insiram nesse mercado. Quem acaba ocupando essas vagas são as elites, que têm outros meios de conquistar essas colocações e que dispõem de capital social e cultural mais valorizado. A elite, contudo, também tem seu poder de escolha tolhido, pois com o aumento de diplomas no mercado, o seu diploma também passa a valer menos; e, portanto, essa pessoa tem que buscar novos meios de se distinguir para manter o seu status.

Em outras palavras, nenhum dos dois grupos apontados acima tem total controle sobre todas as escolhas relacionadas ao estilo de vida que desejam ter, manter ou reproduzir. Isso depende das relações de poder que incidem sobre eles. Toda escolha é uma forma de decisão, e nos tempos atuais, escolher é uma obrigação. Porém, nem todos têm o mesmo poder de decisão, e esta ainda pode ser muito influenciada pelo status ou poder que o indivíduo dispõe.

As tradições podem ser diferentes de acordo com o contexto e ser objeto de disputa. Já a especialização tem um caráter universalizador. Pode até haver discordância entre um especialista e outro, de acordo com a escola ou linha de pensamento que eles sigam, mas no lugar de desagregar a especialidade, o desacordo ou a crítica funcionam como propulsor do seu empreendimento; há uma discordância, mas dentro dos interesses do universalismo.

Segundo Giddens, o mundo moderno, ou pós-tradicional, é composto de autoridades múltiplas. Isso é libertador para indivíduo, que não é mais obrigado a seguir uma única autoridade pautada na tradição. Por outro lado, já que não



há um, como chamaremos aqui um “super especialista”, mas vários especialistas em cada área, o indivíduo tem que escolher qual especialista irá consultar, tentando buscar aquele que possui uma autoridade mais unificadora. Porém, ter muitas opções de escolha é também angustiante, pois existe o risco de escolher o especialista errado e de não se obter o resultado esperado para resolução de seus problemas.

O conhecimento do especialista tem que estar sobre constante atualização, pois, ao contrário da sabedoria tradicional, ele muda o tempo todo com as novas descobertas científicas e tecnológicas. Como as especialidades estão vinculadas a sistemas abstratos distintos, os próprios especialistas são leigos diante dos sistemas aos quais não pertencem. Um dermatologista, por exemplo, não vai poder orientar um paciente sobre que providências tomar em relação aos seus problemas respiratórios, devendo encaminhá-lo ao pneumologista. Nem mesmo o clínico geral, que em tese teria um conhecimento mais abrangente de medicina, pudesse ostentar o título de “superespecialista”.

Uma vez diagnosticado pelo clínico qual o problema do paciente, este deve ser encaminhado para o especialista respectivo. Numa sociedade tradicional, a figura do curandeiro resolveria todos os problemas “médicos”, por assim dizer, do indivíduo que o procurasse. A forma de resolver esses problemas não mudaria com o passar do tempo, e também não poderia ser desempenhada por qualquer pessoa que se concentrasse nisso. O curandeiro possuía uma sabedoria própria, que não era compartilhada por outras pessoas e que lhe dava um status distinto dentro da comunidade, ainda que suas habilidades diferissem, por exemplo, das do artesão ou do caçador.

O status de cada um desses guardiões da tradição, mesmo em esferas distintas, é sempre considerado importante. No caso do especialista, o seu status dentro do seu sistema abstrato pode não servir para nada em outro sistema abstrato. Esses sistemas abstratos não são estáveis como a tradição e por isso a confiança neles pode ser abalada. Além disso, estão distantes do indivíduo leigo, que tem acesso a eles através dos especialistas (os quais não



representam o sistema em si). O guardião da tradição representava o sistema em si porque suas práticas eram locais, centralizadas e incorporadas, correspondendo às rotinas normativas que orientavam a vida cotidiana dos indivíduos daquele contexto. Os sistemas abstratos estão vinculados a estilos de vida coletivos que podem mudar a qualquer momento.

Aos poucos, a tradição foi sendo substituída pela modernidade, até ser destruída por ela, que Giddens entende por modernidade tardia. Essa fase é marcada, ao mesmo tempo, pelo processo de globalização e pela busca de contextos de ações mais tradicionais, ou seja, uma nova forma de organização de tempo e espaço, onde a ação se dá a distância, como acontece com a globalização.

O Indivíduo e o Comportamento Blasé

Na modernidade, o local privilegiado para observar os comportamentos sociais é a metrópole. A metrópole é o lugar onde a vida moderna acontece. E essa vida é cada vez mais acelerada, cheia de informações e estímulos que influenciam o cotidiano das pessoas. A metrópole é onde muitos podem viver de forma heterogênea. Em oposição ao campo, onde o ritmo é mais lento e as pessoas possuem um estilo de vida parecido, ela é o lugar da diversidade. Sendo assim, não poderia haver lugar melhor para que o homem pudesse exercer sua personalidade com toda liberdade, onde fosse possível a ele se individualizar e diferenciar e, ao mesmo tempo, se relacionar com os outros sem abrir mãos dos seus traços característicos:

“Tais são as condições psicológicas que a metrópole cria com cada atravessar de rua, com o ritmo e a multiplicidade da vida econômica, ocupacional e social, a cidade faz um contraste profundo com a vida de cidade pequena e a vida rural no que se refere aos fundamentais sensoriais da vida psíquica. A metrópole extrai do homem, enquanto criatura que procede a discriminações, uma quantidade de consciência diferente da que a vida rural extrai. Nesta, o ritmo da vida e do conjunto sensorial de imagens metais flui mais lentamente, de modo mais habitual e mais uniforme. (SIMMEL, 1979, p.14).



Porém, assim como Giddens identifica as angústias do homem moderno com os riscos que ele enfrenta para si ou para um coletivo, Simmel também aponta para estratégias que o indivíduo adota para poder lidar com toda essa variedade de elementos e ambientes novos nos quais ele tem que viver. E a estratégia está em quatro tipos de comportamento que o homem pode adotar diante dos estímulos do dia a dia – criando alguns tipos ideais que exemplificam o comportamento dos indivíduos na modernidade: o avarento, o cínico, o pródigo e o blasé. Segundo Freitas (2007), o avarento é aquele que quer possuir o dinheiro pelo dinheiro. Seu gozo está em ganhar e juntar dinheiro, e não em utilizá-lo. O pródigo é o oposto do avarento, pois no lugar de juntar dinheiro ele gasta tudo o que possui, dilapidando o seu patrimônio. Essas duas figuras expressam bem a relação do homem moderno com a economia monetária nos seus extremos. O cínico, por sua vez, é o sujeito que sabe o valor objetivo de tudo, mas não conhece os valores morais de nada. Ele seria o que mais reagiria aos estímulos do dia a dia, promovidos pela vida nas grandes cidades, podendo direcionar suas ações para fora das regras sociais estabelecidas, já que ele não partilha de seus valores morais.

Já a atitude blasé, em oposição ao cínico, é mais distante, reservada. O blasé procura não reagir a tudo. Não é propriamente um indivíduo insensível, mas é um indivíduo que é capaz de adotar uma postura de certa indiferença diante de situações que o incomodam. O comportamento blasé é uma forma de não se deixar abalar pelas diferenças chocantes que a cidade apresenta, ele é o típico cidadão metropolitano. “A base psicológica do tipo metropolitano de individualidade consiste na intensificação dos estímulos nervosos, que resulta na alternância brusca e ininterrupta entre estímulos interiores e exteriores” (1979, p.14).

Para lidar com as situações do dia a dia, o homem que vive nas grandes cidades tem que ser racional. Desta forma, ele se torna mais frio, e é mais difícil acessar sua personalidade. Ele transfere as suas reações emocionais e íntimas para reações racionais. Essa intelectualidade metropolitana seria um esgotamento nervoso diante de tantos contrastes, que ao fim, fazem com que



tudo soe parecido, que não haja nada muito interessante. Não há surpresa. Esse é o mecanismo de defesa do homem moderno para não enlouquecer diante de tantos estímulos.

Examinando por outro ângulo, o comportamento blasé é também um reflexo da economia monetária, que analisamos anteriormente, pois foi ela que tornou o homem moderno mais racional e capaz de calcular até mesmo suas ações e reações diante do mundo. Objetos e pessoas circulam nesse contexto sem guardar entre eles nenhum sentimento, nenhuma personalidade, já que isso tudo foi reduzido ao seu valor quantitativo – o dinheiro.

Considerações Finais

Para Simmel, a modernidade pode ser entendida através de três aspectos simbólicos que representam o advento da modernidade: o dinheiro ou advento da economia monetária, a divisão do trabalho e a metrópole ou a urbanização.

O dinheiro modificou as relações de troca ao permitir que os indivíduos se libertassem das relações pessoais, pois é um meio de troca universal, fazendo ser possível o câmbio comercial independente, igualando a todos e tornando as relações sociais impessoais.

A divisão do trabalho fez com que os homens se especializassem em determinadas atividades, fazendo com que um trabalhasse pelo outro, já que dessa forma ninguém é capaz de desempenhar todas as funções, que se multiplicaram na sociedade moderna.

A metrópole, por sua vez, é o lugar onde muitos podem viver de forma heterogênea, além de ser o lugar privilegiado da circulação monetária. Ela difere do campo porque é urbanizada e traz uma série de diferenças abismais. A diferença é tão frequente que o indivíduo a relativiza, de modo que as pessoas se tornam indiferentes a ela, trazendo mais impessoalidade. No meio de tantos estímulos e de toda a velocidade que a vida na cidade exige, a própria diferença entre as pessoas faz com que o indivíduo se torne blasé, já



que é impossível reagir a todos esses estímulos. Essa atitude blasé é a que o indivíduo adota para se proteger dos contrastes da vida moderna.

O dinheiro e a vida na metrópole, juntos, trazem mais mobilidade, encurtam as distâncias e aumentam as possibilidades de relações sociais. É exatamente aí que reside sua ambiguidade, pois ao mesmo tempo em que individualizam os homens, eles também possibilitam o aumento das relações sociais.

Para Giddens, a modernidade é multidimensional. O primeiro elemento que a constitui é a conexão que há entre tempo e espaço. Agora podemos nos comunicar ou relacionar no tempo com outros sem necessariamente ocupar o mesmo espaço. A modernização é globalizante, pois as atitudes que são tomadas num ponto do planeta sejam elas econômicas ou sociais, e podem influenciar em outro ponto distante.

A natureza das instituições modernas está profundamente ligada ao mecanismo de confiança em sistemas abstratos dos quais as fichas simbólicas fazem parte, mas especialmente na confiança em sistemas peritos. Esses sistemas são compostos de especialistas que o homem moderno consulta para resolver seus problemas, ou apenas se apropria do conhecimento destes para empregar no seu cotidiano.

Essa intermitente apropriação e atualização das informações que o indivíduo faz é a reflexividade, que possibilita a constante reconstrução de sua autoidentidade e individualização, apontada por Giddens e também por Beck, como foi indicado anteriormente. Há uma incorporação rotineira de situações ou conhecimentos novos em situações de ação que são reorganizadas e que reorganizam a narrativa que o indivíduo tem de si mesmo.

A radicalização de todos os elementos ou, em outras palavras, das características da modernidade, inicialmente apontada por Simmel e mais atualmente por Giddens, conforma o que este último chama de modernidade tardia. Alguns autores chamam esse mesmo fenômeno de pós-modernidade, mas Giddens faz uma clara oposição ao termo, pois para ele a modernidade



ainda não acabou, e o que estamos vivendo neste momento são as consequências dela, que está cada vez mais globalizante.

Referências Bibliográficas

BOURDIEU, Pierre. (2008), *A Distinção: crítica social do julgamento*. São Paulo, Editora EDUSP.

FREITAS, Ricardo Ferreira. (2007), "Simmel e a cidade moderna: uma contribuição aos estudos da comunicação e do consumo". *Comunicação, Mídia e Consumo*, Vol.4 : 41-53.

GIDDENS, Anthony . (1991), *As Conseqüências da Modernidade*. São Paulo, Editora UNESP, 1991.

_____. (2002), *Modernidade e identidade*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar.

SIMMEL, Georg. (1998), "O dinheiro na cultura moderna (1896)". In: SOUZA, José e ÔELZE, Bertholde (orgs). *Simmel e a Modernidade*. Brasília, Editora UNB.

_____. (1979), "A Metrópole e a Vida Mental (1902)". In: VELHO, Otávio Guilherme (org.). *O Fenômeno Urbano*. 4ª Edição. Rio de Janeiro, Zahar Editores.